

RELAÇÃO CAMPO-CIDADE E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO: ESTUDO DE CASO NO DO MUNICÍPIO DE CAPINZAL, SC - BRASIL

Analice de Avila – Universidade Federal de Santa Catarina
analicedeavila@yahoo.com.br

Ewerton Vieira Machado – Universidade Federal de Santa Catarina
evm@cfh.ufsc.br

Considerações Iniciais

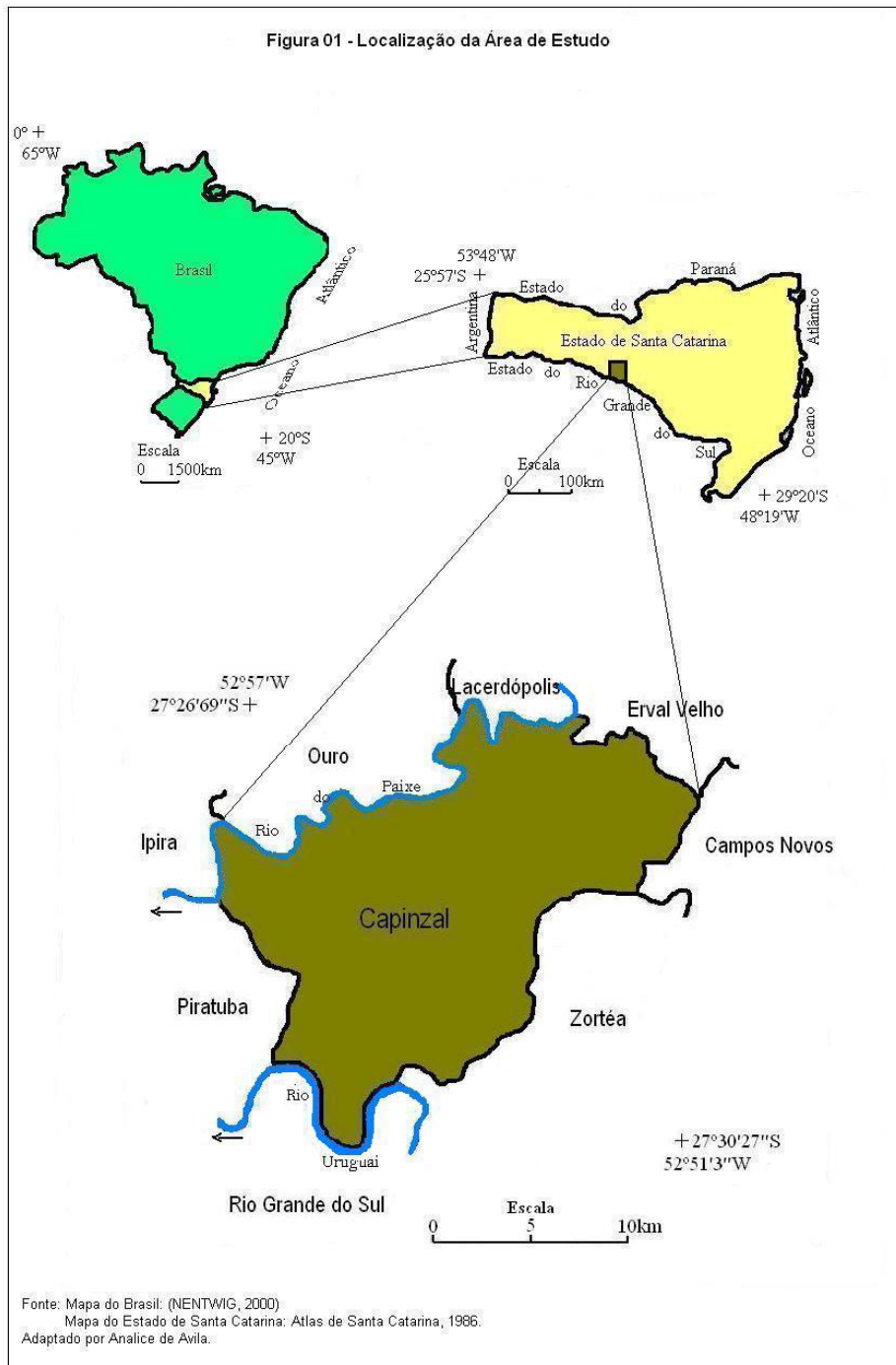
As reflexões da Geografia contemporânea sobre estudos relacionados a cidade e o campo permitem percorrer numa análise totalizadora da produção do espaço urbano/regional. Mesmo em cidades consideradas pequenas, de até 20.000 habitantes, é possível perceber o quanto o capitalismo industrial se manifesta e articula o seu modo de produção.

Atualmente, quase metade da população mundial vive em cidades e a tendência é aumentar cada vez mais. A cidade “subordinou” o campo e estabeleceu uma divisão de trabalho. Esta situação se manifesta entre o fornecimento de alimentos e de matérias-primas pelo campo a cidade e, o campo recebe em troca produtos industrializados, tecnologia e normas para produção, etc.

Nessa perspectiva capitalista, os desdobramentos da dinâmica social, culminaram com a “vitória da cidade sobre o campo a partir da grande indústria” (CORREA, 1989, p.41). Entretanto, o fato de a cidade subordinar o campo e nela concentrar a maior parte da população, da riqueza e das idéias, não significa que o campo perdeu sua importância, isto é, a cidade não é auto-suficiente e depende do campo para a sua sobrevivência, pois quanto maior a urbanização maior a dependência da cidade em relação ao campo no tocante à necessidade de alimentos e matérias-primas agrícolas.

Partindo dessa lógica, o presente texto tem por finalidade analisar aspectos da relação campo-cidade, procurando discutir elementos da produção e reprodução do espaço através de um estudo de caso no Município de Capinzal, localizado no meio-oeste catarinense (Mapa 01) onde, sob certas condições vinculadas à agroindústria Perdigão, no período de 1980 em diante, se realizou esta pesquisa. Em nosso entendimento, consideramos o Estado e a Perdigão como elementos (re)estruturadores da organização sócio-espacial do lugar.

Na realização deste estudo levou-se em consideração alguns conceitos básicos como a produção e a organização do espaço vinculados ao Estado e a Perdigão, a relação campo-cidade através dos modos de vida urbano e rural consubstanciados por dados e informações de base empírica com o apoio de jornais, revistas científicas, livros, órgãos públicos (Epagri, Cidasc, Prefeitura Municipal de Capinzal) e entrevistas com moradores e/ou profissionais de atividades públicas, que através dos quais substanciamos uma interpretação da dinâmica social entre o campo e a cidade a partir da instalação (no lugar acima referenciado) da agroindústria Perdigão, a qual estabelece relação sócio-econômica com os produtores rurais via integração, principalmente, na produção de frangos.



Dessa forma, analisar o Município de Capinzal, que possui 19.995 habitantes (IBGE, 2002), através da relação cidade-campo é criar possibilidades de compreender a dinâmica sócio-econômica numa dada dimensão espacial. Nessa perspectiva, Lipietz diz que o espaço é um produto da atividade coletiva, independentemente das atividades particulares de cada indivíduo; é o resultado da soma

das forças produtivas, ou seja, é “a dimensão espacial da sociedade...” (LIPIETZ, 1988, p. 149). Nessas idéias de Lipietz nota-se uma identificação com as de Santos (1979), pois para este último autor, não há sociedade a-espacial e, o espaço ele mesmo é social. Para Santos (1985), os elementos que constituem o espaço (os homens, as instituições, as firmas, as infra-estruturas, a base ecológica) quando interagem expressam uma perspectiva de totalidade. A partir dessa compreensão, conclui-se que a produção do espaço revela dimensões de como a relação campo-cidade é resultante de uma dinâmica social permanente.

Por outro lado, o debate sobre cidade e campo tem se constituído ao longo do tempo, como um dos temas mais freqüentes entre pesquisadores das ciências humanas (sociólogos, historiadores, geógrafos, antropólogos, entre outros). A abordagem geográfica tem sido muito considerada sobre “relações entre cidade e região, isto é, uma grande cidade e sua hinterlândia constituída por centros urbanos menores e áreas rurais” (CORRÊA, 1989, p. 41). Assim sendo, as relações cidade-região vêm se constituindo das seguintes formas: atração urbana pela população rural; comercialização de produtos rurais pela cidade; distribuição de investimentos e trabalho pela cidade; drenagem urbana da renda fundiária; distribuição de bens e serviços. Essa dinâmica da sociedade nos remete a uma constante idéia de reprodução do espaço vivido, conseqüentemente, socializado e que se manifesta em cidades como Capinzal, através de elementos como a agroindústria. Autores apontam, ainda, a cidade e o campo como sendo “territórios econômicos-políticos-culturais que se efetivam através de relações consubstanciadas via interdependência entre eles” (SILVA, 1998, p. 7). Assim, a sociedade ao longo do processo de sua organização e reorganização territorial vai transformando a “natureza primitiva” em campos, vilas, cidades, estradas, espaços de lazer (CORRÊA, 1986, p. 52). Mas para isso, existem importantes agentes na organização sócio-espacial, criados pela própria sociedade cujos papéis ganham relevâncias, dentre eles o Estado. Este, gradualmente, vem deixando de ser regulador, a partir das últimas décadas do século XX, para também ser organizador do território. Esses desvelamentos sugerem que as relações econômicas, políticas e culturais de um dado território ultrapassem suas fronteiras, seja da instância local, regional ou nacional, chegando à instância mundial através da tecnologia e, simultaneamente, da funcionalidade do capitalismo internacional.

Capinzal: trajetórias do lugar

Capinzal teve sua ocupação efetiva a partir dos primeiros anos do século XX, por descendentes de italianos vindos do Estado do Rio Grande do Sul. O início de sua ocupação assim como de outras cidades da região do Vale do Rio do Peixe, no meio oeste catarinense se deu, principalmente, através de empresas colonizadoras, subsidiárias da Brasil Railway Company empreendedora da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande. A construção da ferrovia foi, inicialmente, um projeto do governo imperial brasileiro com a finalidade fundamental de conectar zonas produtoras, o sul, com zonas consumidoras, o sudeste. Mas, a ferrovia só se efetivou em território catarinense na primeira década do século XX. Dentro dessa lógica de expansão capitalista brasileira, Capinzal se tornou caminho, ainda na segunda metade do século XIX, de tropeiros e fazendeiros que se deslocavam do Estado do Rio Grande do Sul para as feiras de gado em Sorocaba, no Estado de São Paulo.

Com a efetiva construção da ferrovia São Paulo-Rio Grande, Capinzal deixava de ser apenas caminho de tropeiros e, passava a ser um lugar visado para fixar moradias e atividades econômicas. Assim, o deslocamento de migrantes do Estado do Rio Grande do Sul em direção à Capinzal e, sobretudo, ao longo do Vale do Rio do Peixe, segundo Lago (1978) se deu pela atração às novas terras e, principalmente, pelas possibilidades de comercialização de produtos naturais nas quais os migrantes encontravam perspectiva mais favorável para mercados externos, pois a economia que se desenvolvia nas antigas colônias gaúchas encontrava frágeis suportes quanto à comercialização de produtos, que em geral eram primários.

Em Capinzal, os primeiros migrantes se instalaram em 1908, porém o processo de colonização se estendeu até a década de 1920. Nos primeiros 20 anos de ocupação, a população que lá se fixara foi formando uma pequena vila, onde viviam em função de alguns negócios e trocas de produtos agrícolas, tais como: milho, feijão, alfaça, etc. e, pecuária. A produção agrícola e pecuária, portanto, era apenas para o mercado local e de subsistência (BRANCHER, 1994). A partir dos anos de 1930 começou um intenso processo de extrativismo madeireiro, cuja matéria-prima principal era a *Araucária angustifolia*, árvore comum e abundante na região do planalto e em direção ao oeste catarinense.

A araucária, segundo Brancher (1994), foi um dos principais atrativos de madeireiros oriundos principalmente do Estado Rio Grande do Sul em busca de fixar empresas na região para a exploração da madeira, a qual se tornou a base socioeconômica do município entre as décadas de 1930-1950, juntamente, com a extração e industrialização da erva-mate, que também foi abundante na região.

No período de 1930 a 1949 se instalaram em Capinzal 16 indústrias madeireiras, porém duas delas tinham maiores destaque tanto na transformação quanto na comercialização da madeira e, ainda hoje mantêm algumas de suas atividades. A indústria Emílio D’Agnoluzzo Ltda (atual D’Agnoluzzo Móveis e Esquadrias Ltda) se destacava e ainda se destaca regionalmente, operando com o desdobramento de madeira para a construção civil, portas, forros, rodapés, etc. (BRANCHER 1994; ALMEIDA, 2004). A indústria Pagnocelli Hackmann & Cia. Ltda. (atual Indústria Hackmann Ltda) já exercia atividades nesse ramo no Rio Grande do Sul e, posteriormente em Piratuba (SC). Em Capinzal, a indústria se instalou em 1930, de onde exportava a madeira transformada para a Alemanha, Holanda e Porto Rico, seus principais consumidores. O transporte das tábuas era feito por caminhões até um depósito em Itajaí (SC) e/ou via estrada de ferro até São Francisco do Sul (SC), Santos (SP) e Rio de Janeiro (RJ) (BRANCHER 1994), pelo fato de naqueles lugares localizarem-se importantes portos de escoamento de produção. Até recentemente, a indústria também se dedicava à industrialização de papel e celulose, porém com a matéria-prima extraída, principalmente, do *Pinus Elliottis* e *Taeda*¹, devido ao esgotamento da araucária a partir dos anos de 1950, em função da excessiva exploração. Atualmente, a principal atividade é a fábrica de transformação da madeira: tacos, material para construção civil, caixas, etc (HACKMANN, 15/08/2005). A Indústria Hackmann Ltda. continua sendo a

¹ A matéria-prima pinus, na sua maioria, é proveniente de cultivos feitos pela própria Indústria Hackmann Ltda, em terras, tanto no Município de Capinzal quanto em município vizinhos como Zotéa e Piratiba.

maior na região de Capinzal, no ramo madeireiro, tipo exportação. Outras empresas madeireiras surgiram posteriormente, porém, com menor destaque e com potencial econômico restrito à região de Capinzal, cuja matéria-prima em sua maioria é o pinus (*Elliottis* e *Taeda*) e, também o eucalipto, respectivamente, originárias de florestamentos feitos naquele município e municípios vizinhos (Zortéa, Piratuba).

As madeireiras tiveram um papel importante na produção do espaço urbano/regional de Capinzal, pois onde se fixavam permitiam o surgimento de pequenos núcleos urbanos, constituídos principalmente por funcionários da própria indústria e/ou por comerciantes nos ramos alimentícios e vestuários, que supriam as necessidades primárias da demanda local. Assim, localidades como Barro Preto e Lindenberg são exemplos de pequenos núcleos urbanos surgidos a partir da instalação de madeireiras e que, ainda hoje mantêm algumas características, porém acrescidas por novas funcionalidades, vinculadas às atividades industriais de cerâmicas como de tijolos e telhas, entre outras.

Essa breve contextualização histórica da inserção de empresas madeireiras (algumas ainda têm hoje remanescentes) em Capinzal se configura num processo em que aquela atividade econômica teve seu auge num período de 20 anos (1930-1950), a partir de então houve um declínio na produção. As mudanças só começam a partir da década de 1950, quando a madeira nativa começa a se esgotar na região e, conseqüentemente, aquele tipo de industrialização no município e região praticamente desaparece, resultando então no fechamento de muitas empresas e/ou transferências para outras regiões, que ainda dispunham de alguma reserva florestal.

Com a diminuição da atividade madeireira por falta da matéria-prima, houve impactos tanto nas atividades urbanas quanto rurais desestabilizando, principalmente, trabalhadores ligados à extração e comercialização da madeira transformada (BRANCHER, 1994). Começa, então, expandir nesse período novas atividades econômicas como a agricultura e a pecuária. A partir dos anos de 1950 a agropecuária, cuja criação, principalmente, de bovinos e suínos desponta com grande potencial para a economia local. A produção agrícola, como: de milho, do trigo, do feijão, do arroz e da soja, também tiveram significativas expressões para a economia entre 1950-1980, mostrando-se como uma atividade expressiva em Capinzal. Aliado a esses fatores agropecuários, houve o incentivo dado pelo governo municipal à essas atividades, bem como, o amparo ao pequeno produtor, fornecendo-lhe assistência e orientação técnica através de agrônomos, veterinários e assistentes sociais, assim como abrindo estradas e escolas municipais, possibilitando, dessa forma, a entrada de novas empresas (BRANCHER, 1994).

Vale salientar, que desde 1930 desenvolve-se na região do Vale do Rio do Peixe a atividade frigorífica, já articuladora no processo nacional de industrialização. Essa nova situação, de uma indústria em desenvolvimento que precisava ampliar seu mercado devido a revolução de 1932, ocorre com a extinção de barreiras à circulação de mercadorias entre os Estados da União (PIMENTA, 1984). Isto é, maior integração econômica do espaço nacional. Nessa época surgiram os frigoríficos: Perdigão (1934) em Videira; Ouro (1938) em Capinzal (na época Distrito de Campos Novos); Pagnocelli (1942) em Herval D'Oeste. A industrialização teve continuidade na atividade frigorífica no

país a partir da Segunda Guerra Mundial (devido o contínuo crescimento econômico, fruto em parte, da intervenção reguladora do Estado na economia, além de maior liberdade de comércio) com a criação daquelas que passariam a se configurar, efetivamente, como grandes empresas, a Sadia (1944) em Concórdia, Seara (1949) em Seara, e a expansão desta atividade, em direção ao Oeste catarinense (PIMENTA, 1984; ESPÍNDOLA, 1999).

Desde 1937, o Município de Capinzal já estava inserido nesse circuito econômico não apenas no setor agropecuário, mas também sediava uma indústria frigorífica, as Indústrias Reunidas Ouro S/A, a qual foi responsável pelo incentivo à suinocultura após o declínio do ciclo madeireiro (BRANCHER, 1994). Porém, aquela indústria não teve poder irradiador significativo sobre a economia local como um todo, pelo fato da indústria frigorífica apresentar uma tendência à concentração e centralização econômicas que se realizavam, principalmente a partir da década de 1970, no Vale do Rio do Peixe. Houve, então, a partir dos anos de 1970, um incremento acentuado na escala da produção e, conseqüentemente da acumulação, com destino ao mercado nacional e mundial. Concomitantemente, houve também um processo de acumulação de capitais, resultando na fusão de empresas existentes. Ou seja, frigoríficos menores foram adquiridos pelas empresas maiores (PIMENTA, 1984; ALBA, 2002).

É o caso, por exemplo, da empresa Perdigão com sede no Município de Videira, que adquiriu as ações das Indústrias Reunidas Ouro S/A de Capinzal e implantou seu complexo agroindustrial alimentar naquele município, em 1980, com grande repercussão para a economia local, tanto na vida rural como urbana.

O grupo Perdigão atuou, inicialmente, no processo industrial de suínos, o qual apresentava uma evolução econômica discreta até 1970, quando a partir daí o grupo começou a apresentar forte dinamismo, adotando o sistema de produção integrada de suínos e aves, diversificando suas atividades na região do meio oeste catarinense. Em 1980, o grupo já controlava atividades na área de frigoríficos, óleos vegetais, rações, avicultura, fruticultura, florestamento, etc. Porém, ainda no final da década de 1970 e início da década de 1980, ocorreram duas grandes crises da suinocultura no sul do Brasil e o grupo Perdigão absorve empresas frigoríficas menores em função dessas crises, como aconteceu com as Indústrias Reunidas Ouro S/A, de Capinzal (CAMPOS, 1987). Dessa forma, ocorre a expansão da produção de frangos, tornando-se a principal matéria-prima da empresa, principalmente, em granjas de Capinzal. A empresa, portanto, direciona suas atividades através do sistema de integração com produtores rurais daquele município de municípios vizinhos.

O sistema de integração funciona da seguinte forma: a agroindústria fornece os pintos, a ração e a assistência técnica, enquanto o integrado (produtor rural) é responsável pelas instalações e mão-de-obra. Ao entregar os frangos para o abate, o produtor é remunerado em determinado valor, levando-se em consideração a conversão alimentar e a mortalidade ocorrida dos frangos. Esse sistema, no entanto, promoveu novas perspectivas econômicas para muitos produtores rurais em minifúndios, os quais desempenham um papel importantíssimo para o desenvolvimento econômico do município.

A partir daquela data (1980) a produção média, inicialmente, da Perdigão em Capinzal chegou a de 7 mil frangos por dia, possuindo 3 (três) integrados avícolas e empregava uma média de 370 funcionários (BRANCHER, 1994). A partir de 2005 a empresa abate aproximadamente 430 mil aves

por dia, possui em torno de 1551 integrados e 2383 aviários cadastrados localizados em Capinzal e municípios vizinhos como Ouro, Zortéa, Lacerdópolis, Ipira, Piratuba, entre outros, além de municípios do Estado do Rio Grande Sul como Machadinho, Pain Filho, Cacique Doble, etc. Emprega (em Capinzal) 5.600 funcionários oriundos de Ipira, Piratuba, Lacerdópolis, Ouro, Zortéa e Herval D'Oeste e principalmente de Capinzal (inclusive que vivem no campo). Grande parte dos funcionários também se deslocam de São José do Ouro, Barracão, Machadinho, Maximiliano de Almeida Pain Filho, Sanaduva e Viaduto, Estado do Rio Grande do Sul, para fazer parte dos recursos humanos da empresa. Estes dados correspondem somente à unidade da empresa sediada em Capinzal, responsável por um forte sistema de exportações para vários países, principalmente europeus e asiáticos (PERDIGÃO, 15/08/2005). Sob este contexto, concorda-se com Espíndola (1999, p.15) ao dizer que, "As constantes transformações impostas pelo desenvolvimento do capitalismo industrial condicionaram a sociedade moderna ao crescente consumo de alimentos processados e semiprocessados", já que a expansão do mercado agro-industrial alimentar do grupo Perdigão transcende as fronteiras brasileiras, atingindo dessa forma países europeus, do Oriente Médio, entre outros.

Atualmente, além das atividades agroindustriais Capinzal também desenvolve outras de caráter sócio-econômico, como de comércios nos ramos de vestuários e calçados, alimentícios, materiais para construção civil, móveis e eletrodomésticos, etc.; prestação de serviços bem como estabelecimentos bancários, contabilidades, clínicas médicas e odontológicas, laboratórios médicos, cursos de idiomas e computação, etc.; indústrias nos diversos ramos, as quais caracterizam uma maior dinamicidade tanto na produção de bens e consumo como na geração de empregos para a população local e de municípios vizinhos como Ouro e Zortéa. Via de regra, a maioria desses estabelecimentos industriais, comerciais e de serviços se concentram nas áreas urbanizadas, entretanto a população que ainda reside no campo usufrui constantemente desses serviços. Assim, como também é comum a ocorrência de pequenas feiras semanais com produtos do campo, como verduras, legumes, frutas, leite e seus derivados, frango caipira, entre outros, realizadas através de associações de mulheres agricultoras.

De certo modo, o que acima foi exposto demonstra a dinâmica econômica do município de Capinzal e sua participação na economia local, regional e nacional, inserida em escalas do sistema capitalista industrial mundial e apontando características de acentuadas transformações sócio-espaciais que ao longo do tempo e, principalmente, recentemente vem demonstrando aspectos de como a relação entre a cidade e o campo compõe a produção urbano/regional.

O Estado e a Perdigão na (re)estruturação do espaço urbano/regional de Capinzal

O Estado se configura como um agente indutor e articulador das mudanças sócio-espaciais, ou seja, ele influencia e articula nas relações de produção determinadas pela sociedade. Para Bobbio (1995), o Estado caracteriza-se por relações de subordinação entre governantes e governados, isto é, entre os detentores do poder e destinatários. Traduz-se nas relações entre desiguais, determinada pela divisão de classes. Desse modo, desde que se instituiu a divisão do trabalho o Estado tornou-se da(s) classe(s) dominante o instrumento para dividir, controlar e domar as classes dominadas (LIPIETZ, 1988), sobretudo, o sistema político e econômico. De acordo com Lipietz (1988, p. 151), são as

relações de produção que vão determinar a existência do Estado e o uso da força, pois a ligação entre o espaço social e o poder político diz respeito à sobredeterminação do primeiro (espaço social) pelo segundo (espacialidade política).

Assim, o Estado tem como uma de suas funções organizar atividades no território de acordo com as realidades e as necessidades da cada sociedade, devido as diferentes funcionalidades também por ela (a sociedade) atribuídas. Em Capinzal, exemplos da atuação do Estado na organização do espaço são as leis de parcelamento e uso do solo, as quais “via de regras” são criadas e aplicadas diferentemente entre uma área urbana e uma área rural, como para a expansão da área urbana, com novos loteamentos ou até mesmo no que diz respeito ao sistema de tributação aplicado. Muitas vezes, a atuação do Estado é direta como organizador e (re)estruturador do espaço, criando infra-estruturas básicas como sistema de água e esgoto, energia elétrica, pavimentação de ruas, etc., juntamente, com a atuação de grandes corporações, as quais influenciam na tomada de decisões, de planejamentos, pois se cria toda uma articulação para o seu funcionamento notadamente direcionadas às proximidades onde as indústrias realizam suas atividades.

Se a dinâmica sócio-espacial do município de Capinzal até o início da década de 1980 era predominantemente rural (Quadro 01), a partir de então, com a instalação do sistema agroindustrial, começa um novo processo de urbanização, principalmente em direção a área em que a empresa foi instalada e mantém suas atividades. A Perdigão exerce, atualmente, no local, grande poder de influência e nas tomadas de decisões quanto a criação de novos loteamentos, principalmente em áreas próximas a sua agroindústria, que dão suporte para moradia de funcionários e, conseqüentemente, para novos empreendimentos de atividades sócio-econômicas nos ramos alimentícios (mercados, restaurantes lanchonetes), saúde (farmácias), imobiliários (na comercialização terrenos e imóveis), que suprem, parcialmente, a demanda local. Resultando na expansão da área urbana.

Quadro n.º 01

População Residente no Município de Capinzal entre os anos 1970 e 2000

Ano	População Total	População Urbana	População Rural
1970	7.772	3.545	4.227
1980	10.891	4.785	5.636
1991	13.694	9.358	4.336
1996	15.569	10.412	5.157
2000	19.955	15.460	4.495

Fonte: IBGE. Censos Demográficos dos anos 1970 a 2000.

A atuação do Estado, “atrelado” a agroindústria, também se manifesta em áreas rurais, onde aquela instituição tem se responsabilizado, por exemplo, pela abertura e manutenção de estradas que

possibilitem o acesso ao transporte de aves do produtor rural à agroindústria. Além disso, também atua na regulamentação e cobrança de tributos fiscais tanto de produtores rurais quanto da agroindústria. Desse modo, o Estado não atua sozinho, está atrelado ao sistema industrial capitalista. Sendo subserviente ao poder econômico.

Considerações Finais

Nas discussões acima expostas sob as condições de mudanças cotidianas do lugar/região nos modos de vida urbano e rural da população de Capinzal, percebe-se que elas refletem e representam formas de engajamentos aos objetivos e necessidades comuns que se traduzem nos modos de vida locais. O espaço urbano/regional vem se configurando e se (re)produzindo de acordo como a sociedade vai se organizando. Desde suas fases iniciais, Capinzal já revelava uma tendência dinâmica na formação sócio-espacial caracterizada pelos diferentes tipos de produção econômica. Se no princípio a sua economia foi baseada na pequena produção agrícola e pecuária de subsistência e, posteriormente, passa ao extrativismo madeireiro, com esgotamento de reservas naturais, os empreendedores e a sociedade local procura outras formas de (re)produzir suas vidas, direcionando agora para atividades agropecuárias, que ultrapassam as fronteiras do lugar e se integram ao sistema agroindustrial, que chega aquela região sob outro dinamismo, indo além das rotinas locais/regional, atingindo a escala mundial de comercialização de produção.

Desse modo, na trajetória e nas singularidades, as conexões que se manifestam atualmente no lugar se fazem pela integração com a agroindústria. As ações do Grupo Perdigão estão determinando influências de capital, notadamente funcional, na dinâmica regional. As influências daquela empresa não se detêm apenas na região de Capinzal, elas se manifestam também em município vizinhos, tanto em Santa Catarina como no Estado do Rio Grande do Sul, através do sistema de integração, o qual os produtores rurais ainda vêem perspectivas de produzir com retorno quase que imediato, garantindo assim a sua sobrevivência no campo. Percebe-se, também, que existe um domínio da agroindústria sobre a produção da matéria-prima o frango, com exclusividade e normatização de mercado na produção. Denota-se ainda, a quase que totalmente perda da liberdade do produtor rural de comercializar o seu produto com outras empresas.

Referências Bibliográficas

- ALBA, Rosa Salete. **Espaço Urbano: os agentes da produção em Chapecó**. Chapecó: Argos, 2002. 184 p.
- ALMEIDA, Vitor. **Capinzal: jóias desta terra e desta gente**. Joaçaba: UNOESC, 2004.
- BOBBIO, Norberto. **Estado, Governo e Sociedade – Para uma teoria geral da política**. São Paulo: Paz e Terra. 1995.
- BRANCHER, Holga Maria Siviero. **CAPINZAL, fronteiras socioeconômicas: um diagnóstico municipal (1910-1980)**. Florianópolis. Paralelo 27, 1994 (Série Municípios Catarinenses; v. 4). 158p.
- CAMPOS, Índio. **Os colonos do Rio Uruguai – Relações entre pequena produção e agroindústria no Oeste catarinense**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Geografia, UFBP. 1987.

CORRÊA, Roberto Lobato. As relações cidade-região. In: **A rede Urbana**. São Paulo: Ática, 1989 (Série princípios, nº. 168). p. 40-46.

_____. **Região e Organização Espacial**. São Paulo: Ática, 1986 (Série princípios).

ESPÍNDOLA, Carlos José. As **Agroindústrias no Brasil: o caso Sadia**. Chapecó: Grifos, 1999. 263p.

HACKMANN, Helmuth (sócio majoritário). **Indústria Hackmann Ltda**. Entrevista realizada no dia 15/08/2005.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Censos Demográficos de Santa Catarina de 1970**. Rio de Janeiro, 1973.

_____. **Censos Demográficos de Santa Catarina de 1980**. Rio de Janeiro, 1982.

_____. **Censos Demográficos de Santa Catarina de 1991**. Rio de Janeiro, 1991.

_____. **Censos Demográficos de Santa Catarina de 1996**. Rio de Janeiro, 1996.

_____. **Censos Demográficos de Santa Catarina de 2000**. Rio de Janeiro, 2002.

LAGO, Paulo Fernando. **Santa Catarina: dimensões e perspectivas**. Florianópolis: UFSC, 1978. 349 p.

LIPIETZ, Alain. O Estado e o Espaço. In: **O capital e seu espaço**. São Paulo: Nobel, 1988. (Coleção Espaços). p.149-166.

SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. **Espaço & Método**. São Paulo: Nobel, 1985. 88 p.

SILVA, Anelino Francisco da. A relação cidade-campo: como analisa-la? Natal: Imagem Gráfica e Editora, 1998. 94 p.

PERDIGÃO, Agroindústria. Dados obtidos por funcionários da empresa Unidade Capinzal, em 15/08/2005.

PIMENTA, Margareth de C. A. **A Estruturação Espacial da Microrregião Colonial do Rio do Peixe**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Geografia, COPPE/UFRJ. 1984.